

Cooperativa de Resíduos Sólidos: Uma experiência em Rio Grande/RS sobre as Vivências e Memórias do Bairro Santa Rita

Virginia Barbosa Pereira¹

Marizete Rocha Caetano²

Mauro Lipinski³

Resumo

Em janeiro de 2011, iniciou-se um trabalho de prospecção arqueológica em uma antiga charqueada no bairro Santa Rita, em Rio Grande/RS, e se constatou que a charqueada está localizada ao lado do antigo lixão municipal. O bairro foi se formando ao redor da charqueada, onde os moradores viviam principalmente do lixo, o que evidencia que se trata de uma comunidade em risco social. Isso dificultou a relação entre a equipe que realizou o trabalho arqueológico e a comunidade. A partir dessa constatação, houve a necessidade de um trabalho de aproximação com a comunidade, no intuito de compreender a relação dos moradores com a charqueada e com o lixão. Para tanto, realizaram-se algumas palestras para aproximar a Universidade da comunidade. Nesses encontros, descobriu-se um desejo do grupo comunitário de trabalhar com a reciclagem de lixo, visto que a maioria dos moradores já trabalhava com isso. Surgiu, então, de uma parceria com a Prefeitura, a oportunidade de se construir uma cooperativa de Resíduos Sólidos no bairro. Assim, este trabalho apresentará a atividade inicial de conscientização e participação política para a construção de uma cooperativa.

Palavras chave: cooperativa; arqueologia; lixo; memória.

Abstract

In January 2011 an archaeological prospection work started in a ancient beef jerky place in the Santa Rita community, in the city of Rio Grande, state of Rio Grande do Sul and we have noted that this place is close to the urban garbage deposit of the city. The community grew up around this beef jerky place, where the inhabitants lived taking from garbage their maintenance, which highlights the social risk of this people. A big difficulty arose from this fact in the relationship between the archaeological team and the community. From this moment on we saw the necessity of an approach to these people in order to understand their relationship with the ancient beef jerky and also the garbage deposit. On this approach we have provided some meetings to approximate these persons to the University. In the meetings we noted the desire of the group to return to their work with garbage selection and recycling due to their previous experience. From a partnership with the city hall, came the opportunity to form a cooperative group to work with solid residues in the neighborhood. Thus, this work will show the initial activity of awareness and political participation on the construction of one cooperative.

Keywords: cooperative; archaeology; garbage; memory;

O presente trabalho mostrará o caminho percorrido numa proposta de pesquisa acadêmica que iniciou a partir de um estudo investigativo, buscando nas áreas do município de Rio Grande, com potencial arqueológico, onde fosse possível realizar as atividades práticas dentro do quadro curricular. O trabalho desenvolvido inicialmente teve como foco um sítio localizado próximo à universidade,⁴ que teria sido uma antiga charqueada, fato inédito para o município. No entanto, o contato com os moradores, tanto os que hoje habitam o antigo casarão, em estado bastante precário, quanto com os outros, que moram em torno da propriedade, mostrou-se bastante delicado em razão da precariedade social dessa população. Isso pode logo ser explicado pelo fato de que no terreno ao lado do sítio investigado está localizado o antigo lixão da cidade. Ficou evidente que boa parte desses moradores tinha vivido da coleta do material retirado deste aterro, que na época já tinha sido desativado.

Essa situação mudou o rumo dos trabalhos para que fosse estabelecido um diálogo com os moradores da localidade. Felizmente havia uma associação, organizada em torno de lideranças locais, ligadas à igreja católica, que buscavam a melhoria das condições de vida de uma população que visivelmente estava em estado de risco social.

Desse modo, ficou estabelecida uma parceria entre a universidade e a Rede de Comunidade São Lucas (RCSL), do bairro Santa Rita. Dessa parceira resultou uma nova mudança de percurso, na medida em que o conhecimento mútuo, entre alunos e moradores, propiciou a busca de meios para garantir algum de tipo de renda, que resultou em uma nova parceria, desta vez com a Prefeitura que tinha de realizar uma ação compensatória com os antigos trabalhadores do lixão e ofereceu a proposta de estabelecer, no local do antigo aterro, um centro de triagem do lixo da cidade. Para isso, era necessário que a comunidade estivesse organizada em forma de uma cooperativa.

O relato que aparece a seguir é o todo este percurso inicial para a organização da cooperativa, em fase ainda de implantação. Este artigo é uma oportunidade de se realizar uma reflexão sobre o processo, ainda em andamento, de conscientização para a construção de regras de convivência, necessárias para o estabelecimento do cooperativismo.

Para isso, foi necessária a intervenção da equipe de estudantes e professores da universidade, fornecendo material e organizando palestras sobre a importância do estabelecimento de práticas coletivas para propiciar a obtenção de melhorias sociais.

A Charqueada dos Carreiros

Relatos de moradores levaram-nos à “chácara da charqueada”, localizada nas imediações da Universidade Federal do Rio Grande, no Bairro Carreiros⁵.

Uma visita ao sítio, em novembro de 2010, proporcionou a confirmação de tratar-se de uma charqueada, unidade produtiva típica do séc. XIX. Em janeiro do ano seguinte, foi realizado o trabalho de prospecção cujo estudo superficial permitiu registrar alguns indícios de uma unidade residencial existente:

“uma antiga casa, em que mora uma família, ocupando parte dos onze cômodos, porque as más condições do telhado e a queda de algumas paredes inviabilizaram a moradia em grande parte da residência. Esta casa, de paredes de tijolos de grandes proporções, telhas de barro capa-e-canal, assoalho e forro de madeira, e paredes internas de pau-a-pique, faz parte de uma “chácara” onde são produzidas hortaliças. Ela localiza-se a cerca de 200 m do Saco do Martins, na Lagoa dos Patos, que constitui o limite norte da Chácara. Pelo lado sul, tem-se acesso à propriedade pela Rua Roberto Socoowski, também conhecida como estrada da Charqueada, ou estrada dos Carreiros, pelos moradores locais. A oeste, a cerca de 700 m, localiza-se o Arroio Martins”⁶. (Thiesen, Molet, Kuniuchi, 2010)

A importância histórica foi confirmada por meio de inventário (APERS), com data de 1864, de um antigo proprietário da área, em que aparece descrito todas as dependências que caracterizam uma charqueada, conforme descreve Ester Gutierrez (2001) em análise sobre os charqueadores de Pelotas, tradicional polo charqueador do Rio Grande do Sul.

No entanto, constatou-se que a Chácara da Charqueada está localizada, atualmente, ao lado do antigo lixão, onde era depositado pela Prefeitura todo o lixo recolhido no município, cuja população ao redor convive e subsistia dos resíduos depositados, constituindo esse fenômeno num ponto de atração de muitas pessoas para o local, formando, assim, o bairro.

Desse modo, o bairro formado recentemente, ao redor da Chácara da Charqueada, é composto basicamente por moradores que se instalaram no local para viver do material recolhido do município; como o lixão foi desativado pela Prefeitura, em 2008, boa parte dos moradores encontra-se em situação de risco social, o que ocasionou certo constrangimento por ocasião dos trabalhos da prospecção, ou seja, a recepção ao grupo não foi muito boa.

As atividades realizadas no Bairro PROFILURB II, depois Santa Rita, foram com o intuito de criar um contato com a comunidade, observando e compreendendo a relação dos moradores com a Chácara da Charqueada, organizando apresentações de vídeo para a comunidade do bairro sobre a atividade de Charqueadas e seu contexto histórico, visando construir as vivências e memórias do bairro.

Neste momento procurou-se envolver os atores desta comunidade com a finalidade de estabelecer um vínculo com o lugar procurando passar a importância do fato histórico, com o desenvolvimento de ações de arqueologia pública bem como de educação patrimonial, baseando-se no fato de que a ciência arqueológica seria encarregada de recuperar, descrever e interpretar elementos do passado, levando em conta os objetos, estruturas e porque não as histórias dos atuais moradores.

Segundo Prats (1997), a educação patrimonial "é uma construção social, produto do ser humano, um campo simbólico, que não se constrói sem confrontos e diversas versões sobre o mesmo, que só é construída com a participação de todos os envolvidos: comunidade e pesquisadores" (tradução dos autores).

A construção das trocas culturais visa buscar espaços de sobrevivência de uma identidade por grupos ameaçados, há uma resistência que a partir de algo ameaçador, que estimula o desenvolvimento de estratégias.

No trabalho de prospecção, observou-se certa desconfiança dos moradores em relação à equipe de pesquisa, afinal o objeto de pesquisa era a sua moradia. Essa situação levou à necessidade de uma mudança no trabalho da equipe de pesquisa.

A prospecção arqueológica da Chácara da Charqueada apontou para a importância de um estudo aprofundado deste patrimônio de valor histórico e arqueológico na região. Para dar continuidade à pesquisa arqueológica na localidade, onde se encontra a Chácara da Charqueada, tornou-se necessário um levantamento das redes sociais existentes nos bairros do entorno a fim de coletar maiores informações sobre a memória local da construção dos bairros e sua relação com o passado histórico, vinculado a esses vestígios, bem como, aproximar a comunidade local das pesquisas arqueológicas.

Para criar uma aproximação do público leigo com o patrimônio deve-se, portanto, compreender que a produção dos saberes está relacionada ao conceito de memória e identidade. Os saberes culturais, então, são concebidos e produzidos do conhecimento acumulado durante várias gerações, conhecimentos com sentimento de pertencimento, marcados pela forma de viver e compreender o mundo e suas percepções de valores transmitidas pelo testemunho oral de suas vivências.

Em razão da proximidade do local com o depósito de lixo, conhecido como lixão, agora desativado, descobriu-se que um grande número de moradores deste entorno tinham uma relação muito estreita com este depósito, pois eram pessoas que trabalharam na coleta de materiais recicláveis, a chamada "sarralheria"⁷, durante um longo período, criando desta forma uma relação de dependência econômica, a qual foi suprimida com a interdição do local pelo poder público.

Dessa forma foi possível entender a razão do desinteresse pelas nossas propostas de cunho arqueológico dado ao fato de que a necessidade do momento era outra: busca de recursos para a sobrevivência.

Esta constatação foi verificada em uma das atividades realizadas após a prospecção. A tentativa de aproximação com a comunidade se deu por meio da realização de palestras sobre temas por ela sugeridos. Em um desses encontros, durante o debate aberto para o público, surgiu a manifestação de interesse pelo trabalho realizado no antigo lixão.

Escutar as mulheres nos seus relatos de que já encontraram de tudo no lixo desde joias, dinheiro e até mesmo artigos de cama e mesa nos fazendo pensar que o lixo era rico, um bem precioso para essas famílias, e que naquele momento não era mais possível fazer "serralheria", devido à proibição pela prefeitura.

O sentimento saudosista estava presente nas suas histórias, quando se lembravam do tempo em que não havia jovens e crianças nas esquinas, pois se os pais trabalhavam no lixão, os filhos acompanhavam e, com isso, também participavam da coleta onde no final todos da família tiravam seu sustento. Agora, como elas mesmas dizem, "os jovens estão nas ruas, pelas esquinas, desocupados, tornando-se alvo fácil para a marginalidade".

A equipe viu-se diante de um paradoxo: o lixo, para a arqueologia, é cultura material, logo, tratado como produto social e objeto de pesquisa; por sua vez, para a comunidade, é uma fonte inesgotável, que sempre vai haver quem o produza e, nesse sentido, com grandes possibilidades de gerar renda.

Nessa comunidade, foi constatado que os vínculos de amizades, de parentescos e de experiências vividas em torno do lixo formam a base das redes de relacionamentos.

Quando começamos essa pesquisa tínhamos a clara ideia de que a "Chácara da Charqueada" era um patrimônio importante para essa comunidade, devido a essa unidade doméstica ser da época da economia charqueadora, ponto de referência do caminho das tropas. A visão pré-concebida pode atrapalhar o raciocínio do pesquisador, que já estava formulada, como sendo a Chácara um grande patrimônio para esse local, mas constatou-se que essa não era a opinião da maioria, sendo que elas consideravam como "patrimônio" o antigo "Lixão". Sendo assim, tivemos que mudar o foco sobre o que então seria patrimônio para essas pessoas.

Realizar pesquisas em áreas de risco social tem sido uma demanda necessária para que se possam conhecer as culturas e aspectos socioeconômicos que geram a criação de fenômenos sociais geradores de propostas de melhorias e soluções para

problemas sociais em uma região tão próxima da universidade e inserida na rede urbana da cidade. Para isso a prática etnográfica deverá levar em consideração a inserção do pesquisador em campo. Significando que a interlocução entre pesquisado e pesquisador se impõe para que a pesquisa tome seu rumo, mas não sem perder a noção de que essa presença do pesquisador em campo traz novas perspectivas para o observado e este irá interagir diretamente com o pesquisador. Essa prática não é irrelevante e, muito pelo contrário, faz parte do andamento das pesquisas, trazendo com ela o cuidado para que não se reproduza apenas o que se deseja, mas que a voz do nativo sobressaia à voz do pesquisador. Isso nunca será neutro, já a presença do pesquisador muda o ambiente cotidiano e faz com que outras propostas surjam dessa interação.

Mas como nos salienta Laplantine (1996):

"A perturbação que o etnólogo impõe através de sua presença àquilo que observa e que perturba a ele próprio, longe de ser considerada como um obstáculo que seria conveniente neutralizar, é uma fonte infinitamente fecunda de conhecimento. Incluir-se não apenas socialmente, mas subjetivamente faz parte do objeto científico que procuramos construir, bem como do modo de conhecimento característico da profissão de etnólogo. A análise não apenas das reações dos outros à presença deste, mas também de suas reações às reações dos outros, é próprio instrumento capaz de fornecer à nossa disciplina vantagens científicas consideráveis, desde que se saiba aproveitá-lo".

Diante de uma comunidade tão fragilizada, não poderíamos virar de costas para essas pessoas, realizando tão somente nosso trabalho acadêmico, não dando nada em troca para os moradores, sem qualquer devolução social.

Uma das palestras realizadas visava à geração de renda por meio da coleta de óleo residual de cozinha para a produção de biodiesel. Ao final da conversa ficou acertada uma parceria entre o Departamento de Química da Universidade e a Rede de Comunidade São Lucas (RCSL), do bairro Santa Rita, que se encarregaria da coleta do óleo de cozinha usado e, em contrapartida, os químicos devolveriam glicerina, que é um subproduto da produção do biodiesel. A proposta era de fabricar sabão, a partir da glicerina.

Havia um quesito a ser resolvido: o biodiesel fabricado pela universidade não poderia ser comercializado. Para isso buscou-se uma parceria com a prefeitura, que poderia auxiliar com recursos para com a comunidade, em troca do biodiesel, que seria utilizado nos caminhões de coleta de lixo.

Novamente ocorreu uma reviravolta nos trabalhos: a prefeitura mostrou interesse não somente no projeto do biodiesel, como também veio a propor um trabalho conjunto para a constituição de uma cooperativa para constituição de um serviço de triagem do lixo da cidade.

Essa proposta se justificava em razão de não haver na região nenhuma cooperativa organizada de lixo reciclável. Embora esse tipo de trabalho já fosse realizado, ele tem sido desenvolvido, na cidade, por associações ou mesmo empresas particulares, que mantêm depósitos, onde os catadores do lixo urbano vendem seu material.

Além disso, por ocasião do fechamento do antigo lixão, houve a intervenção de órgãos ambientais, que condicionou uma ação social da Prefeitura para compensar os danos ambientais, junto aos antigos catadores, justamente a comunidade do bairro Santa Rita. Dessa forma, ficou estabelecido que a Rede de Comunidade São Lucas e a equipe de pesquisa tratariam da construção da cooperativa, que viria a operar o Centro de Triagem a ser construído no local do antigo lixão.

É importante ressaltar, que na cidade do Rio Grande não há experiências de cooperativismo, mesmo nos setores que costumam ter esse tipo de organização, como no caso de agricultores rurais. No passado, algumas experiências frustradas de pequenos agricultores e pescadores resultaram em atitudes de desconfiança para esse tipo de proposta.

Desse modo, a equipe de pesquisa passou a se encarregar de fazer de fazer o trabalho de conscientização para a construção de regras de convivência, necessárias para o estabelecimento do cooperativismo.

A cooperativa

A história do cooperativismo com o modelo que temos nos dias atuais remonta a 1844, em Rochdale, Inglaterra, e seus princípios ainda são a base que sustenta o sistema, servindo de alicerce para a sua construção e desenvolvimento: adesão voluntária e livre; gestão democrática pelos membros; participação econômica dos membros; autonomia e independência; inter cooperação; interesse pela comunidade. No Brasil a Constituição de 1988, no seu artigo 5º, VIII – prescreve: “a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento”; e no seu artigo 174, Parágrafo segundo, determina que: “A lei apoiará e estimulará o cooperativismo e outras formas de associativismo”. (CF 1988)

A parte de formação e conscientização foi difícil para nós, pois era um assunto que não dominávamos. Partimos em busca de folhetos e de locais que pudessem contribuir com dados, buscando informações no Portal do Cooperativismo e um dos membros da equipe foi a Novo Hamburgo para ver como funciona uma cooperativa, que trabalhava justamente em um centro de triagem de lixo, semelhante ao que seria construído pela prefeitura. Estes dados foram repassados durante as reuniões de formação para os futuros cooperados, que curiosos e ansiosos ouviam tudo

com atenção. Muita coisa era novidade, mesmo para aqueles que continuavam trabalhando como catadores de rua. Alguns ainda fizeram alguns questionamentos quanto ao funcionamento da esteira e quais funções cada um exerceria, no futuro centro de triagem.

Nosso trabalho de orientação na organização nos levou a buscar alguns subsídios que nos ajudassem a também entender melhor sobre o assunto do cooperativismo, desta forma buscamos informações junto a órgãos que proporcionam alternativas e soluções para empreendedores, dentre eles as cooperativas, tais como SEBRAE, SESCOOP.

“Cooperativa é uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de um empreendimento de propriedade coletiva e democraticamente gerido”.

Basicamente o que se procura ao organizar uma Cooperativa é melhorar a situação econômica de determinado grupo de indivíduos, solucionando problemas ou satisfazendo necessidades comuns, que excedam a capacidade de cada indivíduo satisfazer isoladamente. A Cooperativa é então, um meio para que um determinado grupo de indivíduos atinja objetivos específicos, através de um acordo voluntário para cooperação recíproca”.(Fonte SEBRAE)

No modelo cooperativista, os cooperantes entram com sua produção de serviços e bens, de maneira coletiva, tendo o resultado da atividade dividido entre todos.

A possibilidade dos moradores serem os senhores das decisões administrativas do empreendimento, organizando reuniões para a formação da estrutura da cooperativa, trouxe ânimo e autoestima e, aos poucos, as pessoas da comunidade começaram também a propor novas ideias para seu funcionamento.

Nas primeiras assembleias realizadas notava-se uma grande expectativa com relação ao novo empreendimento, com discussões por parte de todos. Foi um primeiro contato para abrir o caminho para o aprofundamento da proposta.

A Secretaria do Meio Ambiente liberou um ônibus para os cooperados irem até a cidade de São Leopoldo/RS conhecer como se trabalha outra cooperativa de resíduos sólidos, para oferecer a oportunidade de observar a organização das equipes, saber informações sobre o estatuto e o funcionamento dos turnos. Nessa viagem, pudemos realmente observar como o pessoal estava realmente se comprometendo com o projeto, pois até então nós não tínhamos muita ideia se as pessoas estavam entendendo o que significava realmente ser um cooperado. Nesse dia, alguns até largaram seus trabalhos informais para se dedicar ao processo de formação.

Nesse momento, já com algumas regras definidas, passou-se a um passo importante, que foi a eleição da diretoria, com um processo aberto para todos os interessados. Duas chapas concorreram na eleição de uma forma democrática, onde todos poderiam ser votados bem como votar.

Da mesma forma que a diretoria foi eleita foi também decidido e votado que o nome do empreendimento teria que envolver o bairro à sua atividade, ficando assim denominada: Cooperativa de Reciclagem e de Defesa do Meio Ambiente Santa Rita.

Nas reuniões subsequentes, todas as decisões passaram a ser tomadas em assembleia e os assuntos relativos à organização do Estatuto Social da cooperativa e seu Regimento Interno foram intensamente discutidos e votados. Dentro dos dois documentos que dão a sustentação da cooperativa estão contemplados desde as simples regras de convivência, aspectos de comportamento até assuntos de ganhos e formas de divisão de resultados. Muitos entraves foram discutidos e por certo outros ocorrerão, ficando o consenso de que as decisões de maior peso seriam primeiramente analisadas pela diretoria e, quando necessário, discutidas e votadas em assembleia.

A participação inicialmente tímida, das primeiras reuniões, passou por um processo de amadurecimento, na medida em que os cooperantes tiveram de participar de reuniões nas secretarias municipais e com empresários do setor, potenciais compradores de materiais, tomando decisões sobre os rumos do projeto, como contratos, segurança, saúde.

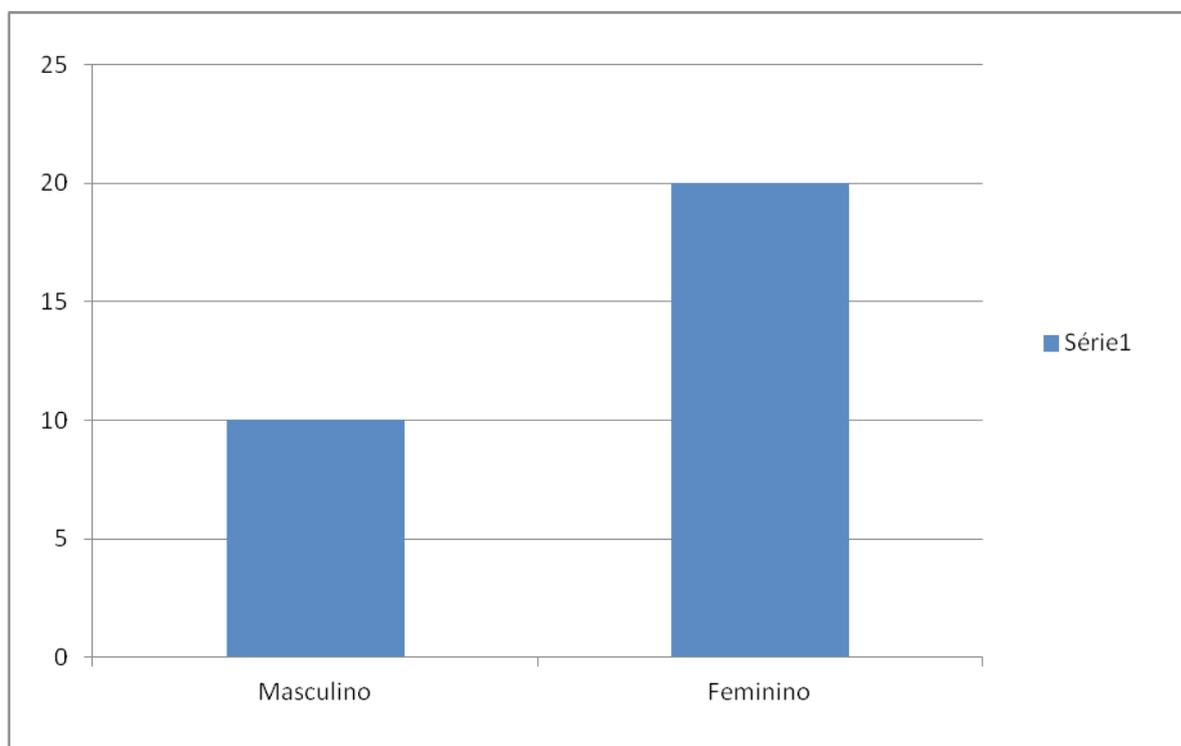
Se o encaminhamento para a construção da cooperativa estava caminhando rapidamente, a equipe de pesquisa não descuidou da coleta de dados para uma análise mais detalhada da comunidade envolvida. No cadastramento dos cooperados, aproveitamos a ocasião para a coleta de informações por meio da aplicação de um questionário, formulado pela equipe. Um dos itens do questionário era saber se os entrevistados estavam dispostos a fazer parte de uma cooperativa de resíduos sólidos, como uma forma de confirmar individualmente o desejo que haviam manifestado em grupo. Como o questionário foi utilizado como cadastro foi pedido para que os cooperados trouxessem documentos como: CPF, RG assim como carteiras de vacinas.

Como a cooperativa ainda encontra-se em processo de formalização, a tabulação dos dados para este trabalho foi feita a partir do grupo inicial, que frequentavam as reuniões da Rede de Comunidade São Lucas (RCSL), resultando em um total de 30 questionários respondidos, sendo que foi considerado apenas um formulário por família, o que significa que o número de cooperados é maior do que o de formulários respondidos.

Neste trabalho, será apresentada uma análise preliminar dos seguintes indicadores: sexo, cor ou raça, estado civil, escolaridade e ocupação. A partir da análise dos dados tabulados podemos observar o perfil da comunidade nas tabelas a seguir.

Tabela 1 – Sexo

Sexo do entrevistado		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	10	33,3	33,3	33,3
	Feminino	20	66,7	66,7	100
	Total	30	100,0	100	



Na tabela acima, pode ser verificado uma presença maior de mulheres, que constituem 66,7% dos cooperados. Essa evidência era perceptível nas palestras, uma vez que havia a presença de mulheres com filhos, o que tornava as reuniões bem barulhentas, com diversos grupos falando ao mesmo tempo, como por exemplo, mães corrigindo os filhos.

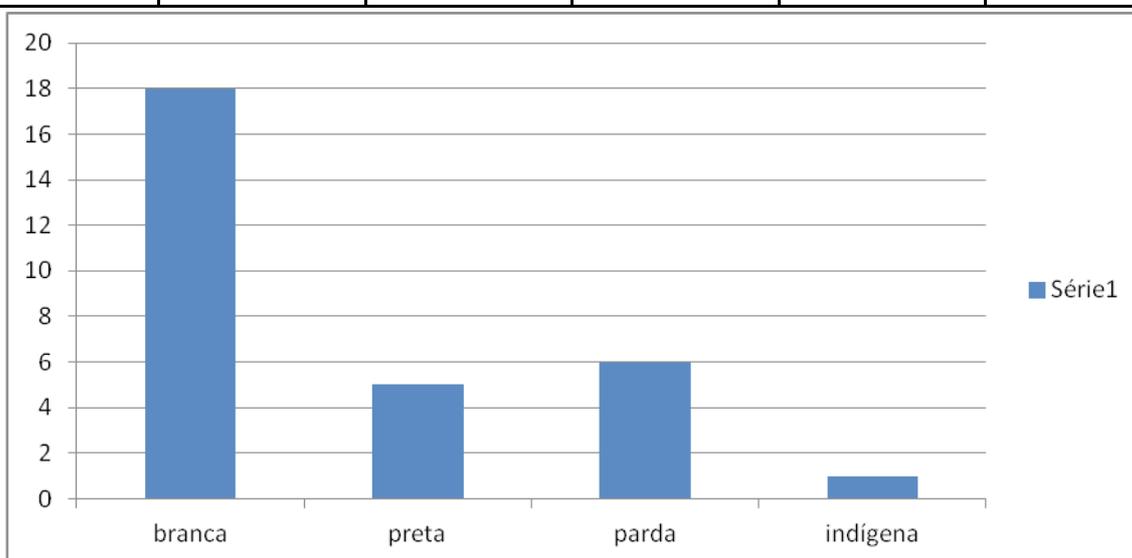
Quando nós da equipe nos demos de conta do fato de que a maioria dos cooperados eram mulheres, nos preocupamos, pois achamos que poderíamos ter problemas na hora em que eles montassem o rodízio das máquinas. O que nos surpreendeu foi que as mulheres não só queriam, como exigiam que elas também fossem ensinadas a mexer e a lidar com essas máquinas para o rodízio. As mulheres estão muito empenhadas em fazer com que a cooperativa dê certo, vemos isso, no empenho em que estas mostram quando vão às reuniões, deixando suas famílias

em casa, muitas vezes com os maridos reclamando, levando os filhos porque não tem com quem deixar, mas mesmo assim estão sempre lá prontas a participar e mostrando que estão realmente acreditando no projeto.

Desse quadro também resultou a primeira reivindicação – uma creche para as crianças. Como horário dos turnos não se concilia com o horário das escolas, muitas estão com problemas de buscar ou levar as crianças.

Tabela 2 – Cor ou Raça

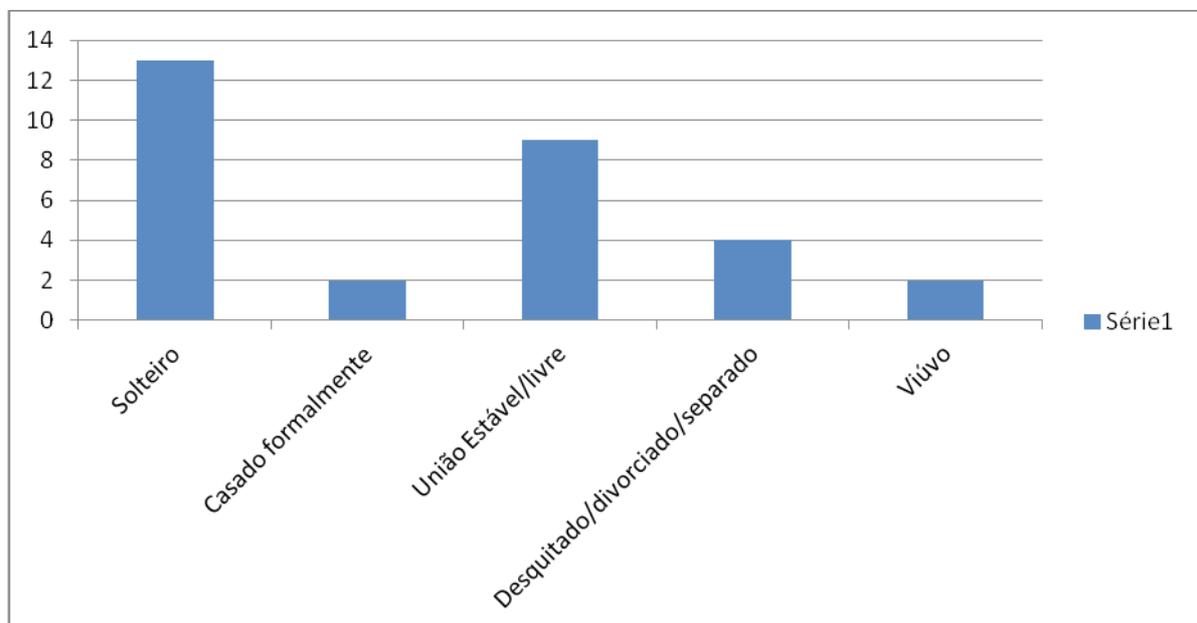
Cor ou Raça		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Branca	18	60,0	60,0	60,0
	Preta	5	16,7	16,7	76,7
	Parda	6	20,0	20	96,7
	Indígena	1	3,3	3,3	100
	Total	30	100	100	



Na tabela acima pode ser verificado que 60% dos cooperados nos questionários se declararam como sendo de cor branca, o que nas reuniões podemos perceber que não se confirma. Outra coisa que nos surpreendeu foi que um dos entrevistados se declarou índio, informação que nós não esperávamos, pois ainda hoje é muito difícil ver pessoas afirmando sua etnia indígena. A questão da etnia e de se afirmar dentro de uma determinada cor ainda é problemática no Brasil, pois, para muitos, isso ainda se mostra como fator de exclusão e de vergonha. Muitas pessoas não querem ser enquadradas por uma cor ou por uma etnia. Isso mostra a tendência de enbranquecimento, nos questionários em que a pessoa é quem se autodetermina.

Tabela 3 – Estado Civil

Estado civil do entrevistado		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Solteiro	13	43,3	43,3	43,3
	Casado formalmente	2	6,7	6,7	50
	União Estável/ livre	4	30,0	30,0	80
	Desquitado/ divorciado/ separado	9	13,3	13,3	93,3
	Viuvo	2	6,7	6,7	100
	Total	30	100,0	100	



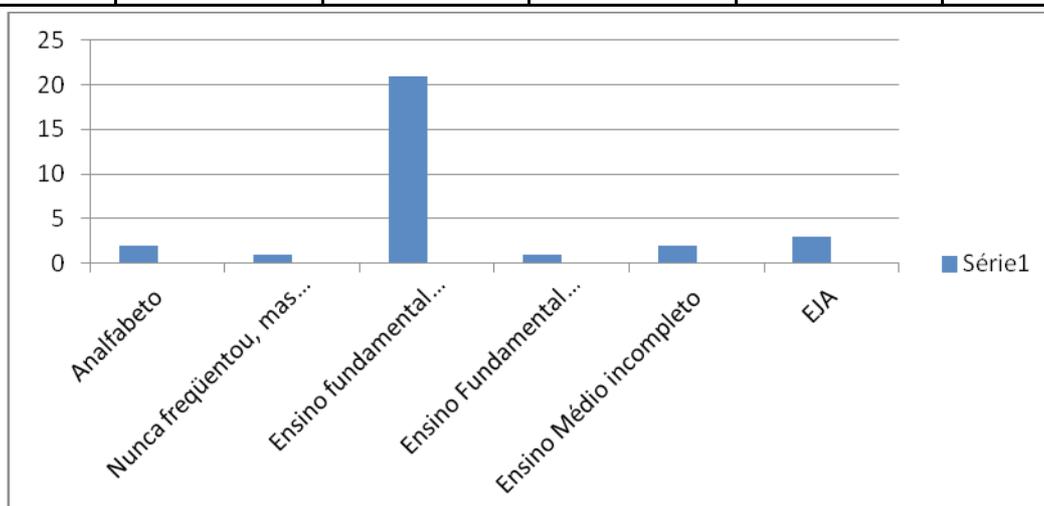
Na tabela acima pode ser verificado uma presença maior de pessoas solteiras, que constituem 43,3% dos cooperados. O que nos surpreendeu foi que quando nós aplicamos os questionários, tínhamos a impressão que os solteiros seriam a minoria, pois achávamos que estes seriam apenas um ou dois, até mesmo pelas reuniões, onde nós observávamos conversas paralelas, em que principalmente as mulheres estavam falando de seus maridos e de suas casas.

Outro dado interessante foi que 6,7% dos cooperados são casados formalmente, pois por ser uma região muito desprovida das necessidades básicas, pois muitos vieram por causa de desapropriações, principalmente da rua Henrique Pancada, que passou por um processo de urbanização, expulsando aqueles que tinham moradias irregulares na orla da Lagoa dos Patos.

Cabe observar, ainda, que no item em que perguntávamos qual era o estado civil, deixávamos claro para as pessoas que o item união estável/livre, que constituiu 30,0% dos cooperados, estavam incluídas as pessoas que são "juntadas", ou seja, que são casadas, mas não formalmente.

Tabela 4 – Última Série que Concluiu ou que está Frequentando

Última série que o entrevistado concluiu ou que está frequentando		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Analfabeto	2	6,7	6,7	6,7
	Nunca frequentou, mas lê e escreve	1	3,3	3,3	10
	Ensino fundamental incompleto	21	70	70	80
	Ensino Fundamental completo	1	3,3	3,3	83,3
	Ensino Médio incompleto	2	6,7	6,7	90
	EJA	3	10	10	100
	Total	30	100	100	

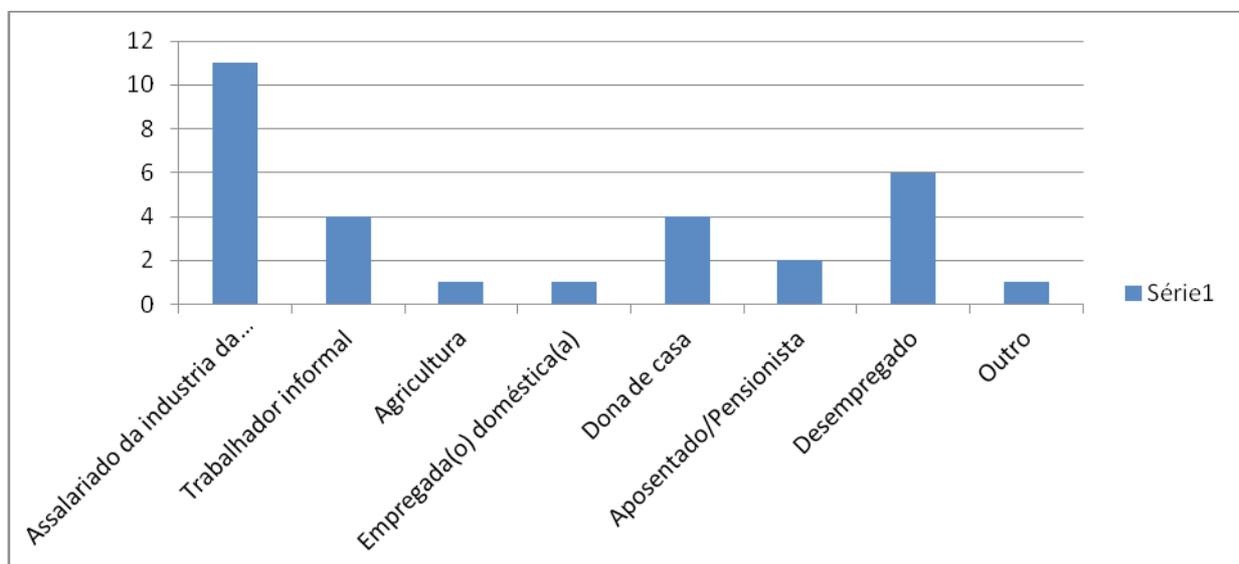


Na tabela acima pode ser verificado uma presença maior de pessoas que tem até o ensino fundamental incompleto, as quais constituem 80% dos cooperados, muito acima da média brasileira. Isso era esperado, pois como já foi dito acima a comunidade é extremamente pobre, e talvez o número de analfabetos, que constituíram apenas 6,7%, e dos que sabiam ler e escrever, mas que nunca tinham frequentado a escola, que constituiu somente 3,3%, fosse até maior. Acreditamos

que, por vergonha, alguns tenham preferido a alternativa que apontava para o ensino fundamental incompleto, por isso a soma das três alternativas resulte no quadro mais apropriado dessa comunidade.

Tabela 5 – Principal Ocupação

Principal ocupação do responsável		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Assalariado da indústria da pesca	11	36,7	36,7	36,7
	Trabalhador informal	4	13,3	13,3	50
	Agricultura	1	3,3	3,3	53,3
	Empregada (o) doméstica (a)	1	3,3	3,3	56,7
	Dona de casa	4	13,3	13,3	70,0
	Aposentado/ Pensionista	2	6,7	6,7	76,7
	Desempregado	6	20	20	96,7
	Outro	1	3,3	3,3	100
	Total	30	100	100	



Na tabela acima pode ser verificado uma presença maior de pessoas que tem sua principal ocupação como eventuais da indústria da pesca, que constituem 36,7% dos cooperados. Esse número pode comprovar o fato de que a maioria do pessoal que mora no bairro Santa Rita veio da desapropriação de casas da Rua Henrique Pancada, que ainda abriga muitos pescadores por estar localizado na margem da Lagoa dos Patos, sendo assim, muita gente ainda hoje vive de alguma atividade ligada à pesca.

Outro fato que nos chamou a atenção foi o número de pessoas desempregadas que constituíram 20% dos cooperados. Esse número pode justificar as dificuldades da equipe de pesquisa em Patrimônio e Educação Patrimonial, em razão das condições sociais de precariedade, que obrigou a equipe de pesquisa a reformular as estratégias de aproximação para estabelecer o contato e parceria entre a universidade e a comunidade das adjacências da antiga da chácara da charqueada.

Considerações finais

Uma das primeiras reflexões do grupo foi que as atividades tiveram um caráter transformador, tanto para pesquisado como para os pesquisadores. Para os moradores, na medida em que se tornaram agentes formadores de suas próprias vidas. Assim suas vivências e memórias estavam re-socializando famílias inteiras, sendo o trabalho com o lixo, fonte de sustentabilidade, sendo também que foi constatado que havia a preocupação sobre aspectos da educação ambiental, buscando trazer para o palco do cotidiano a importância do trabalho não só como fonte de renda e também como uma ação ambiental concreta. Isso ficou evidenciado no nome escolhido para a nova entidade - **Cooperativa de Reciclagem e de Defesa do Meio Ambiente Santa Rita**.

Para o grupo de pesquisa, foi necessária várias alterações no rumo dos trabalhos para que pudéssemos adaptar os interesses da comunidade aos objetivos acadêmicos, demonstrando que a aplicação de métodos e técnicas de pesquisa devem ser acompanhadas de reflexões, tanto do ponto de vista teórico, como ético.

A cultura como traço distintivo do homem são capacidades e hábitos adquiridos e reproduzidos de maneira cumulativa, transmissível e dinâmica, tradicionalmente transformadora. Vive-se a cultura ao mesmo tempo em que a produzimos, a ação simbólica e a ação prática, sistema de significações mediante o qual uma sociedade é pensada é produzida e vivenciada com diferentes respostas para resolver os mesmos problemas.

Cada realidade cultural possui uma lógica própria, como resultado de sua história particular. Toda cultura possui seus próprios critérios de organização.

Assim, a educação patrimonial:

“tem como proposta chave a conscientização da população para o patrimônio, trabalhando para que haja uma reconstrução e valorização de uma identidade local. A proposta patrimonial não deve ser vista como imposição de uma identidade, ela deve trabalhar e procurar desenvolver suas particularidades e os valores básicos de uma comunidade” (Oliveira, Wenceleslaw, 2004).

Não basta escavar ou prospectar sem envolver os indivíduos que hoje se encontram “sobre” esta camada da história, deve existir sempre um envolvimento e um trabalho da importância do local, do objeto, ou mesmo de um bem imaterial. No caso do Bairro Santa Rita, a identidade dos moradores se impôs sobre as expectativas do grupo de pesquisa.

Conforme Jorge Eremites de Oliveira, citando Philip Rahtz:

“por que devemos tentar atingir o público? Por que não nos contentamos em ser um grupo minoritário e atrair uma pequena elite, que apreciará totalmente nossos métodos e nossas sutis abordagens em relação ao passado? Precisamos realmente de um público bem informado; não podemos nos dar ao luxo de ficarmos isolados. A arqueologia necessita da compreensão e da colaboração do fazendeiro, do garimpeiro e do mateiro. Um público interessado e bem informado não destruirá seu próprio passado (nossa matéria prima)”.

O trabalho arqueológico que contava somente com as pesquisas acadêmicas, agora já conta com uma comunidade que envolve o local de ocorrência arqueológica, o que nos traz maiores e melhores possibilidades de trazer maiores e melhores informações sobre a história da região, dado ao fato de termos do nosso lado pessoas que são parte desta história, com seus relatos e seus anseios e suas vivências.

“O trabalho com a comunidade é provavelmente o mais importante compromisso para o arqueólogo, e que o público leigo na sua mais variada forma constitui um desafio para o arqueólogo brasileiro. Seria mais fácil ignorar o público leigo e ficar dentro dos laboratórios ou unidades de pesquisa, mas o público leigo é a razão do trabalho arqueológico” (Funari, Oliveira, Tamanini; 1983)

Hoje podemos dizer que nos nossos próximos passos na pesquisa arqueológica da Charqueada dos Carreiros haverá um novo olhar e um novo componente: daqueles que fazem a história com a sua própria história. Apesar das mudanças de foco que tivemos na nossa pesquisa, gostaríamos de deixar claro que a pesquisa ainda está no início e que agora numa segunda parte do trabalho pretendemos desenvolver o lado arqueológico da pesquisa, aproveitando que agora já não somos mais “estranhos”, fazendo oficinas sobre patrimônio envolvendo essas pessoas com um bem arqueológico que é delas.

Essa experiência foi muito gratificante para nós como grupo, pois muitas vezes chegamos com certas concepções de um determinado grupo ou de um determinado local que quando nos deparamos com a realidade dessas pessoas são completamente diferentes, então entendemos que nós como pesquisadores não podemos chegar num determinado local com certos pré-conceitos ou com ideias fixas sobre o que enxergar.

Referências bibliográficas:

Inventários post mortem. Rio Grande. Cartório de Órfãos e Ausentes, m. 38, n. 808, a. 1864. APERS GUTIERREZ, Ester J. B. – Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2001

PRATS, Llorenç, Antropologia e Patrimônio. Barcelona: Editorial Ariel, 1997.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de, Por uma arqueologia socialmente engajada: arqueologia pública, universidade pública e cidadania, 2000

THIESEN, Beatriz Valadão, MOLET, Claudia Daiana, KUNIOCHI, Marcia Naomi, "Charqueada e Escravidão em Rio Grande", 2111

LAPLANTINE, François, Aprender Antropologia, 9ª Edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1996: 176.

OLIVEIRA, Fabiana, WENCESLAW, Franclin, Ferreira, Educação Patrimonial e a pesquisa arqueológica do Sítio Casa de David Canabarro em Santana do Livramento, RS - 2004, pp 6,7

FUNARI, P. P., OLIVEIRA, Nanci Vieira, TAMANINI, Elizabete, Arqueologia Pública no Brasil e as Novas Fronteiras,

Sites visitados:

<http://www.sebraemg.com.br/culturadacooperacao/cooperativismo/cooperativa%20o%20que%20e.htm>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm

Notas

1 Graduada - FURG

2 Graduada - FURG

3 Graduada - FURG

4 Universidade Federal do Rio Grande - FURG

5 Bairro periférico do município do Rio Grande.

6 As coordenadas geográficas são: 32° 04'08 29" Sul e 52° 11'0271" Oeste.

7 Termo utilizado pelos moradores para a atividade de coleta e triagem de material para reciclagem.